

O “COMPLEXO CABEÇA DE BOI” EM CAMPO GRANDE – MS: AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS AO LONGO DO TEMPO

THE "COMPLEXO CABEÇA DE BOI" IN CAMPO GRANDE - MS: THE SOCIOESPACIAL TRANSFORMATIONS THROUGH TIME

Cícero Farias Primo¹

Mara Lúcia Falconi da Hora Bernardelli²

Paulo Fernando Jurado da Silva³

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura sobre as transformações socioespaciais, ocorridas ao longo do tempo, em uma área denominada: “Complexo Cabeça de Boi”, localizada na cidade de Campo Grande – MS, no ponto de confluência entre as ruas Marechal Cândido Rondon (antiga Y-Juca Pirama), Dom Aquino, Duque de Caxias e Sargento Cecílio Yule, no Bairro Amambaí. A primeira praça construída que integra este Complexo teve seu primeiro traçado topográfico elaborado em 1923, recebendo, inicialmente, o nome de Praça Cuiabá. Essa praça serviu, em seus primórdios, como ponto de parada para as comitivas de tropeiros, onde era negociado gado, sendo popularmente conhecida, na época, como “Praça do Coreto”. Na pesquisa identificamos marcos importante e expressivo deixados no local, que acompanharam a urbanização de Campo Grande. Na década de 1990, houve uma remodelação na área, com o prolongamento da Rua Dom Aquino e a construção da Praça das Araras, dando uma nova denominação ao lugar. Mais recentemente, esta área veio a ser revitalizada pelo poder público local, com a construção da Orla Morena, que promoveu novas transformações ao lugar e alterou seus usos e frequentadores.

Palavras-chave: Transformações socioespaciais. Complexo Cabeça de Boi. Revitalização urbana. Campo Grande – MS.

Abstract: This article tells about socio-spatial transformations which was carried out along the time, in an area called: "Complexo Cabeça de Boi", at Campo Grande-MS, around crossing of streets Marechal Cândido Rondon (formerly called Y-Juca Pirama), Dom Aquino, Duque de Caxias and Sargento Cecílio Yule, at Amambaí district. The first square built integrating the complex had its first topographic layout prepared in 1923 and received initially the name of Praça Cuiabá. Earlier this square served as a stopping point for the group of drovers, where cattle were traded, being popularly known at the time as "Praça do Coreto". In the research identified important and impressive landmarks left in place that accompanied the urbanization of Campo Grande. In the 1990s, there was a reshuffle in the area, with the extension of the Dom Aquino Street and the construction of the Praça das Araras, giving a new name to the place. Recently, it has come to be revitalized area by the local government with the construction of Orla Morena which promoted new transformations to the place and changed their habits and goers.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Professora Adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: marahora@uems.br

³ Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: pfjurado@uems.br

Key-words: Socio-spatial transformations. Complexo Cabeça de Boi. Urban revitalization. Campo Grande - MS.

Introdução

Este trabalho desenvolve uma discussão sobre o denominado “Complexo Cabeça de Boi”, discutindo como, ao longo do tempo, foi sendo transformada a área em questão, que está localizada no Bairro Amambaí, em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul.

A paisagem urbana vai sendo modificada, no decorrer da história, pelas ações dos diferentes agentes envolvidos na produção do espaço geográfico, porém ficam os registros, na forma de documentos, monumentos, prédios, bem como na memória dos que vivenciaram tais lugares, permitindo reconstituir o processo de reestruturação constante pelo qual a cidade passa. É sob esse enfoque que empreendemos o desenvolvimento do trabalho, permitindo compreender as transformações e novas formas de apropriação que se manifestam em diferentes momentos da ocupação dessa área denominada “Complexo Cabeça de Boi”, revelando características aparentemente “perdidas” no tempo e que foram recuperadas, mostrando as transformações que ocorreram, revelando as marcas do processo de (re)produção social do espaço urbano.

Campo Grande vem passando por grandes transformações ao longo das últimas décadas, que se intensificaram, sobretudo, a partir dos anos de 1950, contexto em que já se verifica que a maior parte da sua população se torna urbana. Atualmente, a população da cidade é de aproximadamente 843.120 habitantes (IBGE⁴, 2014), sendo que a expressiva maioria da População Economicamente Ativa se concentra no setor terciário (comércio e serviços) (BERNARDELLI, 2013).

Observando a (re)produção do espaço urbano, especialmente em um espaço público como uma praça, vemos que as transformações que vão sendo operadas influenciam e impactam diferentemente seus usuários. Assim, as gerações incorporaram de forma específica as transformações socioespaciais pelas quais a cidade passou ao longo do tempo, participantes que são, da construção espacial e histórica da cidade, devido a mudanças de múltiplas ordens: econômicas, políticas, sociais, ambientais e culturais.

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Para a realização do trabalho efetuamos uma pesquisa bibliográfica inicial sobre a constituição histórica e espacial de Campo Grande, objetivando compreender em que contexto houve a criação da primeira praça a integrar o “Complexo Cabeça de Boi”, buscando documentos especialmente no acervo da Revista Arca, que permitissem recompor os momentos de transformação verificados em seu entorno. Também buscamos artigos, dissertações e teses que pudessem balizar o recorte proposto no trabalho, especialmente aquelas que apresentam como recorte analítico principal a produção do espaço público, abordando praças, áreas verdes, formas de ocupação e novos usos desses espaços.

Ao mesmo tempo, consideramos importante destacar os conceitos centrais para o entendimento da discussão proposta, quais sejam, o de território e de territorialidade.

O conceito de território é bastante importante na Geografia, e a sua utilização, durante muito tempo pela vertente clássica, foi bastante restrita ao escopo da política do Estado, especialmente referenciado a partir do território nacional (SOUZA, 1995). Com a renovação do pensamento geográfico outras abordagens passaram a ser adotadas, tornando o uso do conceito mais abrangente, bem como introduzindo os debates vindos de outras ciências, a exemplo da Sociologia, da Antropologia, da História, que passaram a enriquecer as reflexões produzidas. Segundo Souza (1995) o território seria todo espaço “delimitado por e a partir de relações de poder”, compondo um “campo de forças”. Dessa forma, diferentemente da proposição existente na Geografia Clássica, a constituição do território, bem como sua dissolução, não necessariamente demandaria um “tempo longo”, pois as relações de poder podem se estabelecer e se dissolver de forma relativamente rápida, inclusive, no decurso de algumas horas, dependendo dos agentes sociais que operam sobre um dado “substrato material”. Assim, são utilizados como exemplos pelo autor, o território da prostituição, o território do tráfico de drogas, o território do comércio informal (ambulantes), que estabelecem sobre um espaço determinado, durante um tempo também determinado, suas relações de poder. Isso pode ser bastante mutável, o que leva a constituição de diversas territorialidades.

Silva (2006), baseando-se em Souza (1995) discorre que as territorialidades: “podem ser estáveis ou instáveis, formar-se e dissolver-se em um rápido intervalo de tempo, ter existência regular ou periódica, podem ser contínuos ou não, podem ter um poder exclusivo ou não, enfim, devem ser entendidos como territorialidades flexíveis” (p.17).

Este é o entendimento que orienta o trabalho desenvolvido, tendo em vista que, ao

longo do tempo, identificamos que diferentes territorialidades estiveram presentes na área enfocada pela pesquisa, com sua apropriação acontecendo de forma também diferenciada por distintos segmentos sociais.

O artigo encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira, fazemos uma contextualização histórica e espacial da constituição do município de Campo Grande, enfocando, especialmente, as transformações ocorridas no espaço urbano. Na segunda parte discutimos as transformações que resultaram na nova configuração socioespacial da área denominada “Complexo Cabeça de Boi” e sobre os novos usos e frequentadores do local.

Campo Grande e sua constituição histórico-espacial

O município de Campo Grande, conforme o IBGE possui 8.092,951 km², estando localizado na porção central do estado e ocupando 2,26% da área total do estado de Mato Grosso do Sul. A sua sede localiza-se nas imediações do divisor de águas das Bacias do Paraná e do Paraguai, é definida pelas coordenadas 20°28'13” de latitude Sul e 54°37'25” de longitude Oeste, em relação ao Meridiano de Greenwich, com altitudes que variam entre 500 e 675 metros acima do nível do mar.

Campo Grande localiza-se na Região Centro-Oeste do Brasil e faz limite com os municípios de: Jaraguari, Rochedo, Nova Alvorada do Sul, Ribas do Rio Pardo, Sidrolândia e Terenos.

O marco zero⁵ do município está localizado em frente ao Monumento dos Imigrantes – Carro de Boi (Figura 1), localizado no cruzamento das Avenidas Fernando Corrêa da Costa com a Avenida Presidente Ernesto Geisel, próximo ao Parque Florestal Antônio de Albuquerque, conhecido como Horto Florestal⁶.

Vários são os autores que abordaram a história da cidade de Campo Grande, buscando reconstituir os aspectos principais do início de sua ocupação. Tendo como base alguns desses autores, fazemos inicialmente uma breve síntese sobre esse processo, na perspectiva de melhor compreender o contexto em que o objeto de estudo, o “Complexo Cabeça de Boi”,

5 O marco zero de uma cidade representa o seu centro geográfico, a partir do qual todas as medições de distância são estabelecidas. O Parque Florestal Antônio de Albuquerque, Horto Florestal, é considerado o marco zero de Campo Grande – MS, por ter sido um dos importantes locais onde um dos fundadores (José Antônio Pereira) estabeleceu acampamento, juntamente com sua comitiva. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_zero. Acesso em: 10/10/2015.

6 Foi criado em 1912 com o objetivo de preservar a área de vegetação nativa Local onde José Antônio Pereira, fundador de Campo Grande, ergueu acampamento em 1872.

teve sua implantação na cidade, bem como entender as alterações produzidas no espaço urbano, como este foi sendo alterado até adquirir a feição que atualmente apresenta.



Figura 1: “Monumento dos Imigrantes – Carro de Boi⁷”.
Foto: Cícero Farias Primo.

Campo Grande teve sua origem no século XIX, após a Guerra do Paraguai⁸ (1864-1870), quando ocorrem instabilidades políticas e econômicas no País, causadas pela decadência das minas de ouro de Cuiabá, de Minas Gerais e de outras localidades e que provocam a migração dos novos bandeirantes que vem para o sul do estado de Mato Grosso, atraídos pela fertilidade do solo e pela grande quantidade de gado bovino nos campos de Vacaria e Pantanal (BARROS, 2010, p. 85).

Foi nessa época que ocorreu a primeira viagem dos desbravadores em busca de um local para se estabelecerem, plantarem roças e fixarem residência. O local escolhido foi a confluência entre dois córregos, denominados posteriormente de Prosa e Segredo, por atenderem às suas necessidades. Colocaram o nome de Campo Grande da Vacaria, por ser um extenso espaço aberto, que se estendia no sentido norte e a leste da Serra de Maracajú. (BARROS, 2010, p. 85).

A primeira viagem aconteceu no ano de 1872, quando saíram de Monte Alegre, localizada no Triângulo Mineiro, Minas Gerais, José Antônio Pereira (47 anos), seu filho

⁷Localizado no cruzamento da Avenida Fernando Corrêa da Costa com a Avenida Presidente Ernesto Geisel, idealizado pela artista plástica Neide Ono.

⁸A Guerra do Paraguai é considerado o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai, no período entre dezembro de 1864 a março de 1870. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado>>. Acesso em: 20/08/2015.

Antônio Luís (17 anos) e mais dois escravos (os irmãos João Ribeira e Manoel) e um guia de nome Luiz Pinto Guimarães, quando estabeleceram um “rancho” nesse lugar. No ano seguinte à sua chegada, já em 1873, José Antônio resolve retornar e ir buscar a família em Minas Gerais (BARROS, 2010, p. 85).

Foi na segunda viagem que teve origem a povoação de Campo Grande, quando aqui chegou José Antônio Pereira com uma grande caravana mineira, em 1875. Eram 62 pessoas: a família, parentes, amigos, escravos, que viajaram em onze carros de boi e burros cargueiros. Era 4 de agosto, depois de mais de um ano de marcha com parada para fazer a roça em Santana do Paraíba perto do rio Paraná. (BARROS, 2010, p. 86).

Os desbravadores foram se alojando aos poucos pelas redondezas. Mais foi após o regresso de sua última viagem, que fez em 1878 para sua terra natal, para liquidar alguns negócios e trazer outros familiares, que José Antônio determina as posses das primeiras fazendas na área, com a seguinte ordem: Fazenda Bandeira que hoje corresponde às imediações do loteamento denominado Jardim Paulista até o Ginásio Guanandizão, que coube ao filho Joaquim Antônio; Fazenda Bálamo nas proximidades do córrego do mesmo nome, ao outro filho Antônio Luiz, em parte da qual atualmente funciona o Museu José Antônio Pereira; Fazenda Lajeado, para Manoel Vieira de Souza (pai de seus genros), onde hoje situam-se os bairros Campo Nobre, Jardim Sumaré, Parque Lageado e parte do Bairro Aero Rancho; Fazenda Bom Jardim, sede do arraial, na confluência entre os córregos Prosa e Segredo, que ficou em sua posse e Fazenda Três Barras, destinados aos genros Antônio e Manoel Gonçalves, comportando na atualidade bairros que se localizam na saída para o município de Três Lagoas (REVISTA ARCA, 2011, p.22).

Conforme os documentos analisados, a preocupação com o planejamento e o desenvolvimento da cidade esteve sempre presente em toda a sua história, a contar pela sua emancipação como município (REVISTA ARCA, 2011, p.3).

Dessa forma, conforme já comentado, a ocupação urbana de Campo Grande iniciou-se entre os Córregos: Prosa e Segredo e sua evolução urbana inicialmente projetou-se no sentido norte. A Figura 2 mostra o início do traçado urbano da cidade. A cidade foi se desenvolvendo e além das quadras da malha urbana original de 1909, ao final da década de 30, após a chegada dos quartéis e da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) (que foram fundamentais para o crescimento de Campo Grande), já havia o Bairro Amambaí (década de

20), que é o bairro mais antigo da cidade⁹ (REVISTA ARCA, 2011, p.22).

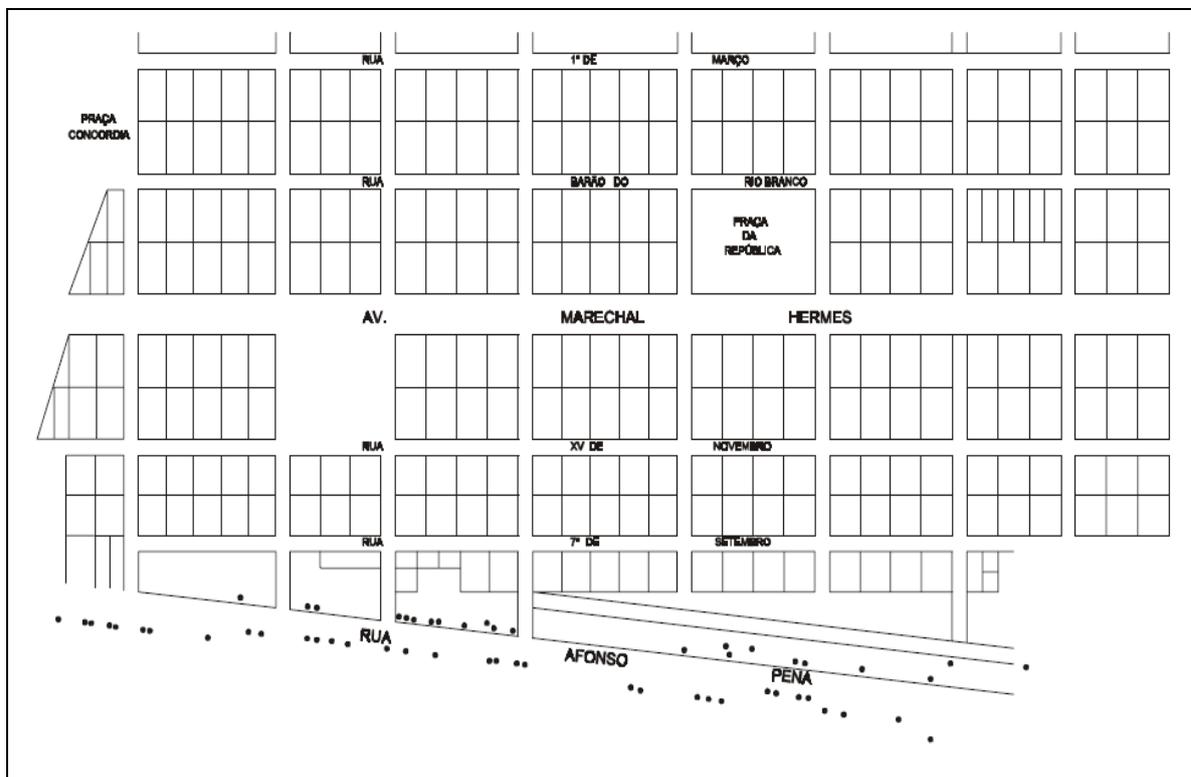


Figura 2: Planta de alinhamento das ruas e praças, elaborada em 1909 pelo Sr. Nilo Javari Barem - Eng. Municipal.

Fonte: Acervo Arca.

Org.: Cícero Farias Primo.

É importante registrar que a primeira planta do Bairro Amambaí (figura 3) foi criada de acordo com a aprovação do Decreto-Lei nº 39, após ouvidas a autoridades sanitárias e militares, em 31 de janeiro de 1941, assinado pelo Prefeito Eduardo Olímpio Machado. Este prefeito estabeleceu um conjunto orientações importante para a estruturação de Campo Grande, em termos urbanísticos dividiu a cidade em Zonas de Construção, criou a Zona Central ou Comercial, a Industrial, a Residencial e as Zonas Mistas, de acordo com o Código de Obras, editado em 1941 por Saturnino de Brito e já definindo as praças (REVISTA ARCA, 2011, p.5).

Arruda (1999) assim se refere à criação do bairro, fornecendo uma caracterização do seu início:

⁹ Originou-se de Resolução de 1º de dezembro de 1921, proposta pelo vereador Leopoldo Gonçalves dos Santos, apresentada na sessão de 25 de novembro de 1921, a pedido do Intendente Arlindo de Andrade Gomes e posteriormente implantou-se o Bairro Cascudo (1936), atual São Francisco (REVISTA ARCA, 2011, p.3).

No Bairro Amambaí [...], localizado entre a cidade e a Vila Militar, na porção oeste de Campo Grande, são construídas, nos anos 20, inúmeras residências pelos construtores práticos existentes na vila. Geralmente eram construções de alvenaria de tijolos, em torno de 40 m², com 2 quartos, sala e varanda e banheiro externo, uma verdadeira habitação popular da época, embora o lote padrão tivesse dimensões de 15,00 ou 20,00 x 60,00m. (ARRUDA, 1999, p.6).

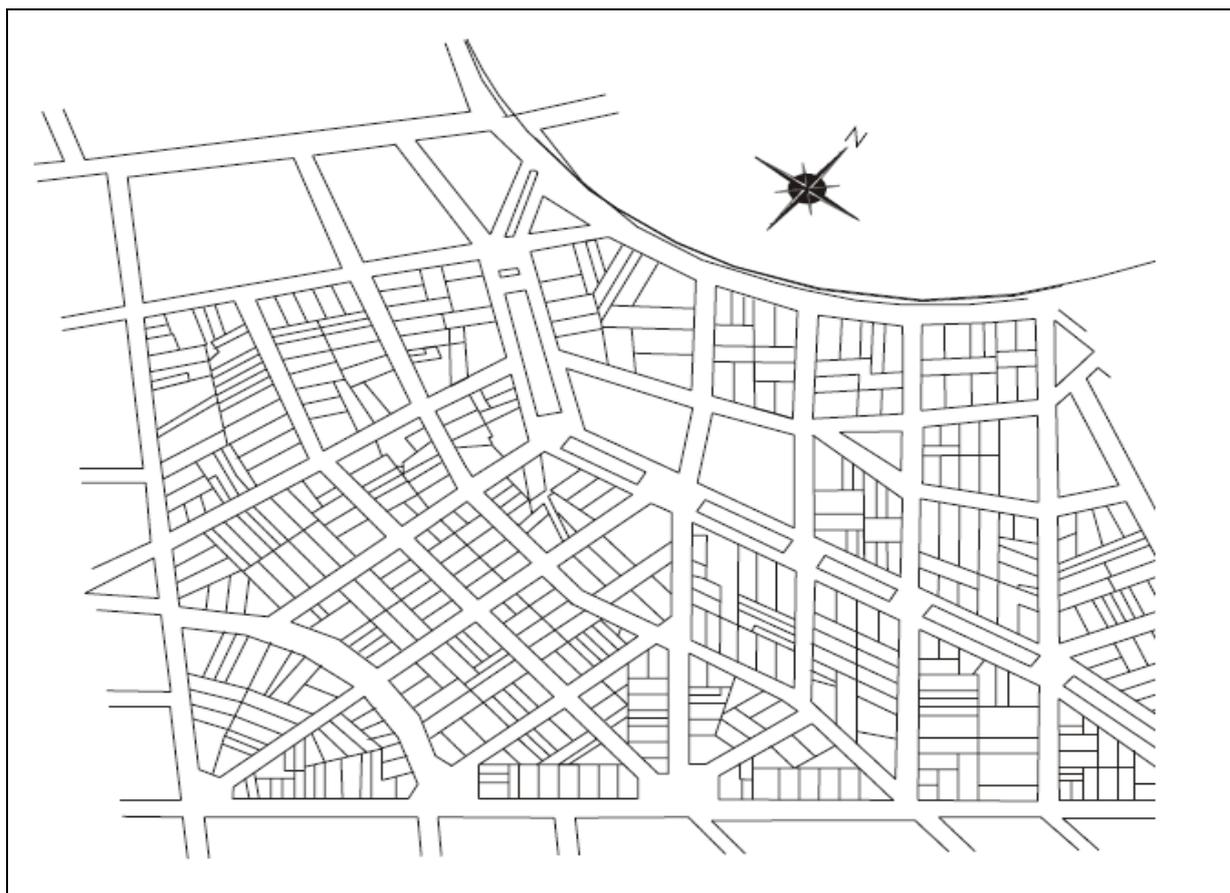


Figura 3: Planta do traçado do Bairro Amambaí – 1921.

Fonte: ARRUDA (2001, p.20).

A expansão da cidade a partir da década de 1940, já sinaliza o crescimento da área urbana para o norte, o leste e oeste. Já com os bairros Amambaí, Boa Vista, Vila Alba e Cascudo e a definição dos quartéis, hipódromo, curtume e espaço onde hoje é o Belmar Fidalgo e Praça Newton Cavalcanti (ARRUDA, 1999, p. 8). A Figura 4 mostra a expansão da cidade, com destaque para a localização da Praça Cuiabá.

No decorrer do tempo e com o plano de expansão urbana, Campo Grande já tinha suas diretrizes básicas que iriam impulsionar o crescimento do tecido urbano: ao norte, áreas de terras onde atualmente se localizam a UCDB e a Lagoa da Cruz (Mata do Segredo); na porção leste, até o atual Parque dos Poderes (Desbarrancado); a oeste até o Bairro Amambaí

(construção de área dos quartéis) e, ao sul, áreas próximas ao Córrego Prosa.

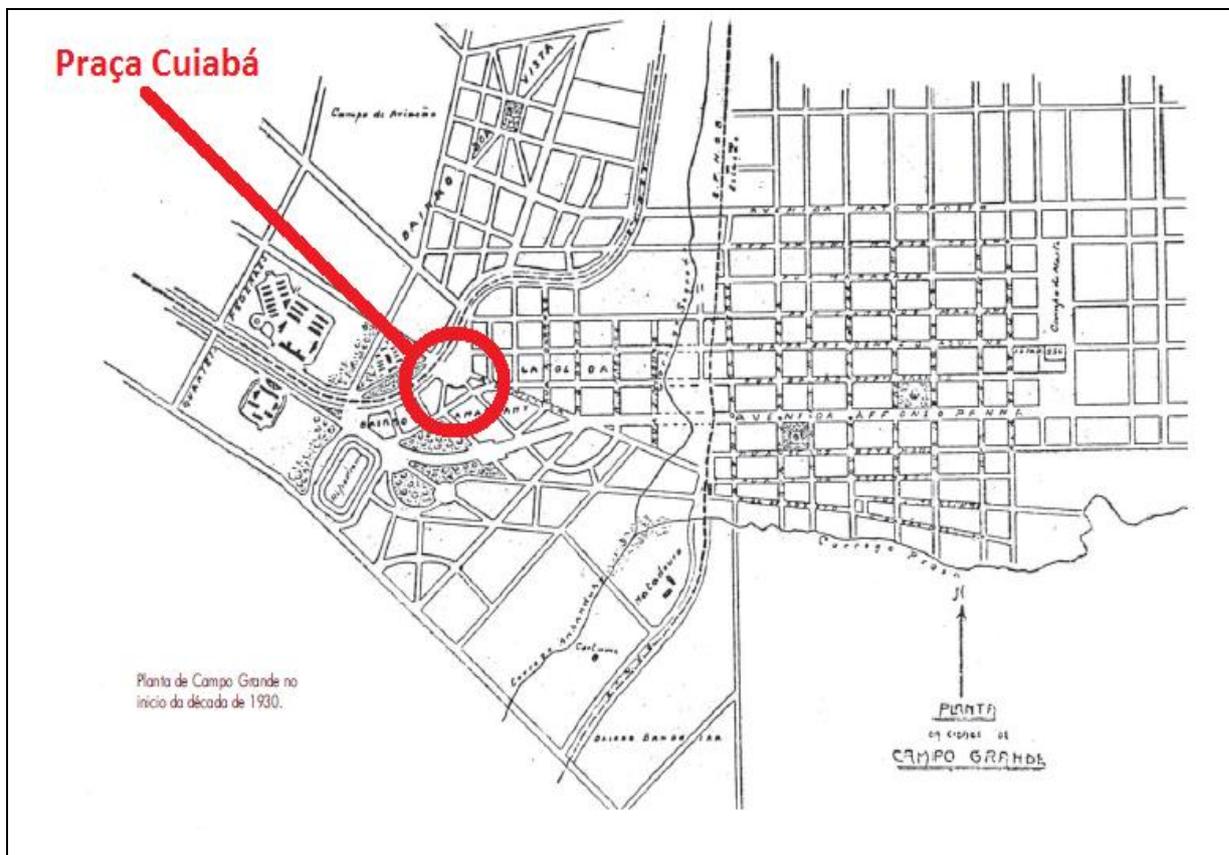


Figura 4: Primeiro zoneamento dos usos e diretrizes para loteamento em Campo Grande, de acordo com o Código de Obras de 1941.

Fonte: Acervo Arca.

Org.: Cícero Farias Primo.

A área de estudo, denominada “Complexo Cabeça de Boi”, é uma praça localizada na cidade na confluência entre as ruas Marechal Cândido Rondon (antiga Y-Juca Pirama), Dom Aquino, Duque de Caxias e Sargento Cecílio Yule. Essa praça teve seu primeiro traçado topográfico elaborado em 1923, sendo que posteriormente no local foi inaugurada a Praça Cuiabá, que servia como ponto de parada para as comitivas de tropeiros, ficando popularmente conhecida como “A Praça do Coreto”. A Figura 5 traz a localização da área de estudo.

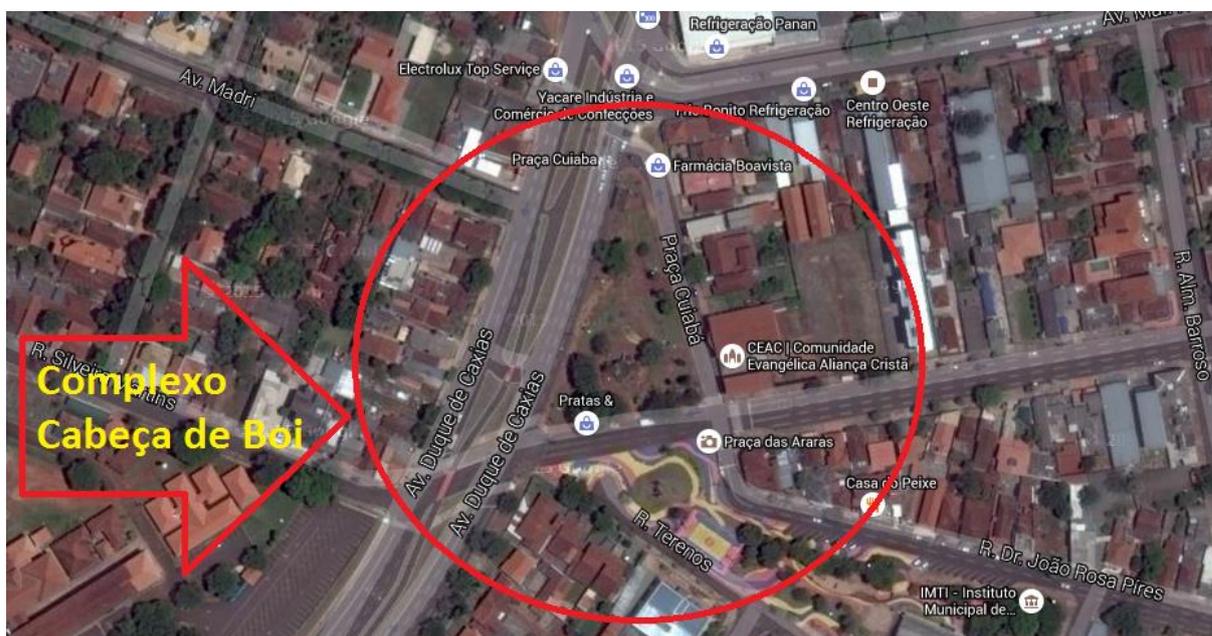


Figura 5. Localização via satélite do “Complexo Cabeça de Boi”. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Pra%C3%A7a+Cuiab%C3%A1+-+Amambai,+Campo+Grande+-+MS,+79008-281/@-20.4630475,-54.6335519,746m/data=!>>>. Acesso em: 25/08/2015.
Org.: Cícero Farias Primo.

Este local é de especial relevância para a cidade, tendo em vista os usos dos frequentadores, que ocorreram no passado e que ocorrem na atualidade, e também devido a sua expressão como importante símbolo no contexto urbano.

Na praça está construído o Coreto (Figura 6), que conservou sua estrutura original até hoje, sendo o marco remanescente do traçado topográfico elaborado na década de 1920. O local era ponto de intercessão de várias ruas para acesso à região dos quartéis e vila militar e servia para as atividades culturais da época, principalmente para as retretas musicais em praça pública, com a apresentação das bandinhas, e também como ponto de comercialização de gado, para os fazendeiros que traziam seus rebanhos.

O espaço serviu também como posto de saúde, por ser este um ponto estratégico e de aglomeração de pessoas. Neste local, na gestão do Dr. Wilson Fadul (1953-1955), foi inaugurado o primeiro Pronto Socorro de Campo Grande¹⁰, que era uma reivindicação antiga da população. Foi implantado na época, onde hoje está localizada a Praça das Araras (ver Figura 7). Obra esta, que demorou a ser concluída deixando a oposição política insatisfeita e

¹⁰ Fonte: Arquivo Jornal Correio do Estado. Edição nº 347, de 25 de abril de 1955.

para criticá-lo, apelidou a construção de “O Túmulo de Faraó”. Foi desativado, posteriormente, em função de sua localização e também pela ruína em que se encontrava o prédio, que foi demolido em função do prolongamento da Rua Dom Aquino, que dividiu a praça em duas áreas.



Figura 6: Atividades culturais da época da inauguração da Praça Cuiabá.

Fonte: Acervo Arca.

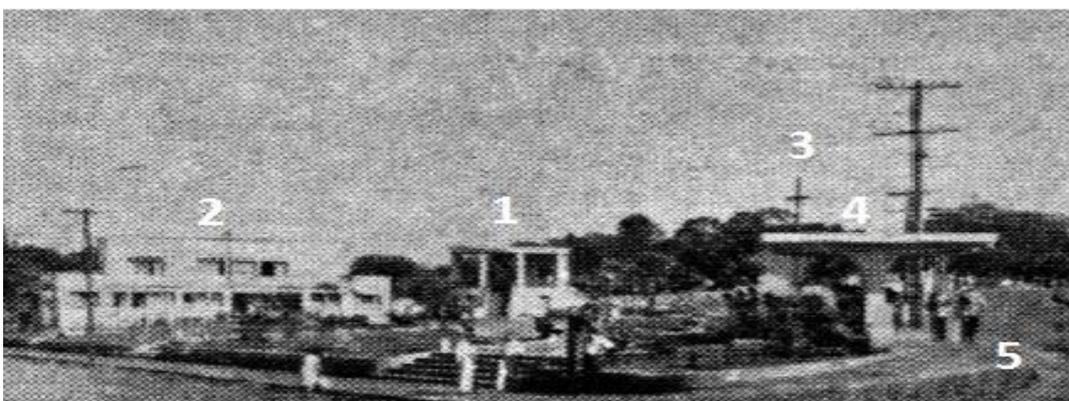


Figura 7: Configuração espacial da Praça Cuiabá na década de 60.

Fonte: WEINGARTNER (2008).

Org.: Cícero Farias Primo.

Legenda:

1-Coreto.

2- Prédio do primeiro Pronto Socorro da cidade. Popularmente conhecido como Posto de Saúde da Cabeça de Boi.

3- Cruzeiro

4- Ponto de ônibus da Av. Duque de Caxias.

5- Esquina da Rua Sgto. Cecílio Yule e Av. Duque de Caxias.

No processo de crescimento da cidade e para atender aos moradores da Vila Militar e do entorno, que era constituída basicamente por militares, no início da década de 1960 foi construída a Praça da União, que era localizada em frente ao Clube União dos Subtenentes e Sargentos, entre as ruas Terenos e João Rosa Pires. Foi inaugurada junto com ao Mercado Municipal Antônio Moreira Alves em 1964, e posteriormente passou a ser conhecida pela denominação de Cabeça de Boi.

Esse apelido foi dado pelos moradores e trabalhadores dos canteiros de obras de construções dos quartéis da Região Militar nos anos 20, pelo fato de um açougueiro ter colocado na porta do seu estabelecimento uma cabeça de boi, como forma de identificar sua atividade comercial e que se tornou um dos mais fortes pontos de referência para identificar o Bairro Amambaí (Figura 8).



Figura 8: Cabeça de boi embalsamada numa caixa acrílica.

Fonte: Acervo Arca.

Inicialmente o que começou com a denominação da localização foi uma ossada de crânio bovino (ou seja, a caveira de uma cabeça de boi), colocada no topo de um alto poste de

aroeira, para que as pessoas de longe pudessem localizar o açougue. Daí a denominação, existente há quase cem anos, de Cabeça de Boi. Posteriormente, foi substituída por uma cabeça de boi embalsamada numa caixa acrílica, que ficou por pouco tempo no local.

A partir da década de 1990 essa área começa a sofrer várias modificações, derivadas de ações do poder público. Na sequência faremos uma análise sobre essas transformações e como vieram a alterar os usos e frequentadores do local.

“Complexo Cabeça de Boi” e novas territorialidades no uso do espaço público

Atualmente, a referência que se faz ao antigo marco do local é evidenciada pela moderna escultura “Cabeça de Boi”, substituída durante a gestão do prefeito Juvêncio César da Fonseca, obra de criação do artista plástico Humberto Espíndola (Figura 9), que inicialmente foi colocada no centro da Praça Cuiabá. No contexto atual essa escultura foi deslocada para a rotatória localizada na articulação das avenidas Júlio de Castilho, Cândido Mariano Rondon e Duque de Caxias, e lá permanece como testemunho do patrimônio imaterial de grande importância para a história da cidade.

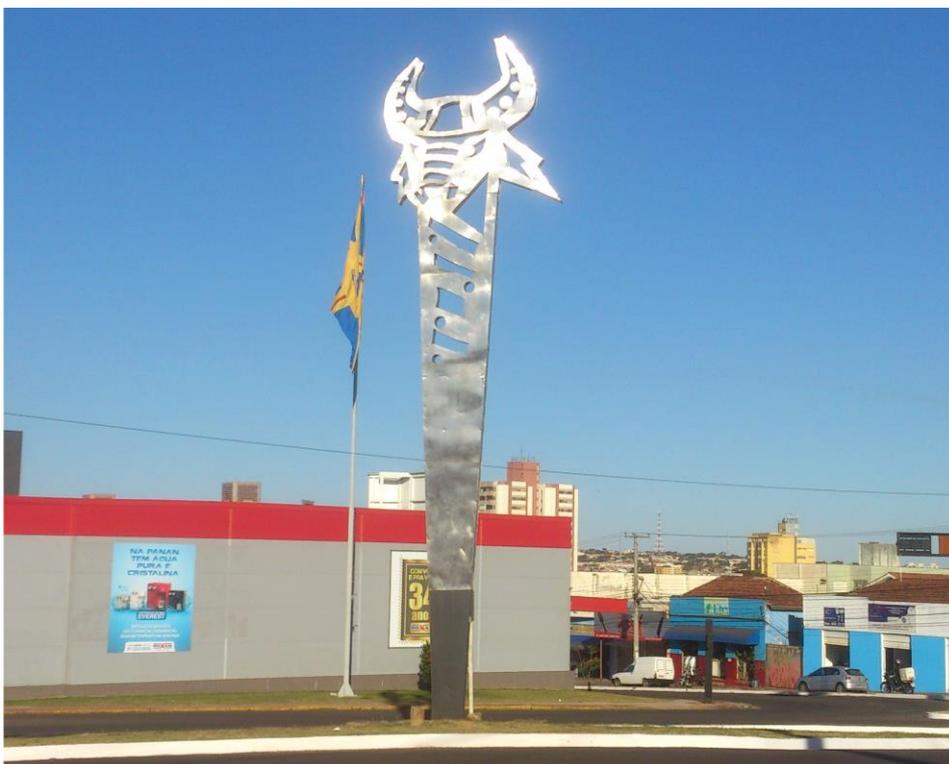


Figura 9: “Cabeça de Boi”, criação do artista plástico Humberto Espíndola.

Foto: Cícero Farias Primo.

Também faz parte desse Complexo a Praça das Araras, sendo um local mais contemplativo, com monumentos emblemáticos, parte das obras de revitalização empreendidas pelo poder público na área.

Após o término da construção do “Complexo Cabeça de Boi” em 1996, a praça foi totalmente remodelada, havendo a implantação de espelho d'água, quadra polivalente, parque infantil e o monumento das araras. Esse monumento foi idealizado pelo artista plástico Cleir Ávila, que buscou despertar a população para a informação da preservação da Arara Azul, ave que está em extinção e é considerada a maior e mais bela arara do mundo. A área, inclusive, é visitada por alguns exemplares dessa espécie durante o dia e se tornou atração com um novo referencial dos turistas que visitam a cidade, sendo uma das mais procuradas pelos campo-grandenses e visitantes.

Desde o seu surgimento verificamos várias intervenções feitas na arquitetura desse espaço, o Complexo Cabeça de Boi, desde a sua construção, articulando iniciativas públicas ou privadas, mostrando uma completa transformação de funções e usos ao longo de sua história.

As transformações que ocorreram deram-se influenciando as práticas socioespaciais manifestadas nessa praça, onde as pessoas se reuniam para fins comerciais, políticos, sociais, culturais ou religiosos, ou ainda para desenvolverem atividades de lazer e entretenimento. Assim, exerceu e exerce influência psicológica aos seus usuários, com a experiência de convivência com outras pessoas, como forma de recreação e na busca de integração ou sociabilidade: “(...) As transformações nas formas da cidade impõem transformações nos tempos da vida e nos modos de apropriação dos lugares através de mudanças nos usos” (CARLOS, 2007, p.45).

Segundo Weingartner (2008), que fez um levantamento sobre as praças existentes em Campo Grande, elas se assemelham à categoria de parques, em relação aos seus aspectos funcionais. Das diversas categorias analisadas o autor destaca Praça Recreativa Cultural; Praça Recreativa; Praça Esportiva; Praça Contemporânea; Praça Ajardinada; Praça Comercial; Praça do Sistema Viário e Eixos de animação. O autor constatou que a paisagem das praças assume características múltiplas, que seguem o uso do solo, a morfologia do sítio e a localização na cidade, podendo apresentar características de mais de um tipo, conforme as existentes na cidade.

A praça “Complexo Cabeça de Boi” está enquadrada na categoria Praça Recreativa Cultural, juntamente com outras três que existem na cidade, que são: Praça Demóstenes Martins (Jardim Vilas Boas); Praça Ary Coelho (Centro) e Praça do Rádio (Centro). Em sua análise Weingartner (2008) afirma que a escala de abrangência desse tipo é a cidade, pois são realizadas nessas praças atividades de interesse da população, cujos principais atrativos são: eventos de natureza artística, festividades e ações sociais.

O mesmo autor constatou que as praças enquadradas na categoria “Praça Recreativa Cultural” têm tamanho médio de 2 hectares e possui equipamentos que atendem a escala da vizinhança (como playgrounds e área de convívio). Hoje o “Complexo Cabeça de Boi” possui equipamentos esportivos, plantio arbóreo e ornamental, monumentos históricos, serviço de manutenção e é de fácil acesso para os moradores da maioria dos bairros, além de possuir espaço para várias atividades (Figura 10).

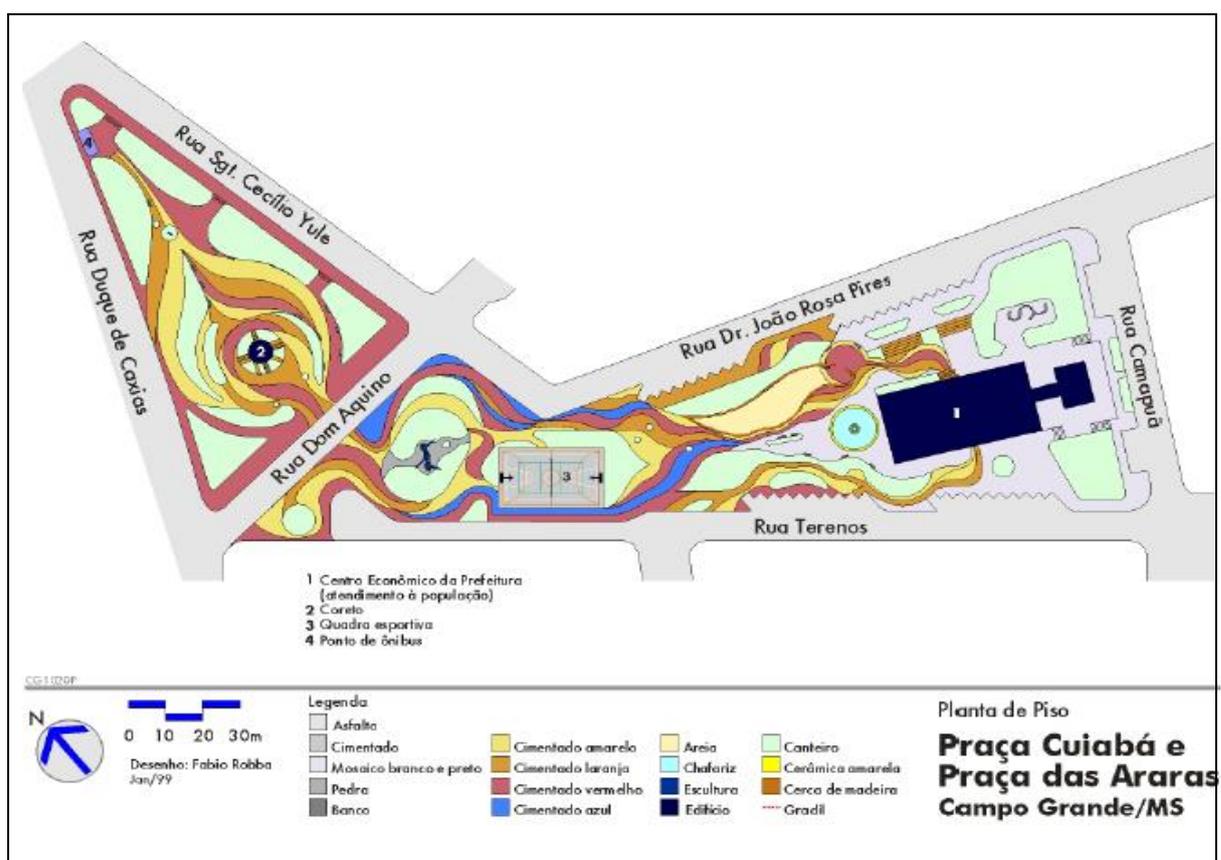


Figura 10: A praça “Complexo Cabeça de Boi” está enquadrada na categoria Praça Recreativa Cultural
Fonte: Weingartner (2008).

Nos levantamentos feitos em jornais, revistas e fotografias, a construção da Praça Cuiabá, dada sua localização na área central cidade, é uma das representações de espaço públicos mais marcantes, já presente quando da elaboração do primeiro mapa da cidade, demarcando seu perímetro urbano.

Este espaço público vem, ao longo das décadas, sendo uma referência para os habitantes, seja como ponto de encontro, seja pelas atividades culturais que atrai, ou mesmo quando era um ponto de comercialização para os rebanhos de gado de fazendeiros da região.

Em 1996, a Praça Cuiabá passou por uma remodelação, com a adequação desse espaço também para o lazer. Foram instalados espelho d'água, quadra polivalente, parque infantil e um monumento para estimular a preservação das araras, ave em extinção, que foi idealizado pelo artista plástico Cleir Ávila, denominando o novo espaço público de Praça das Araras (Figura 11).



Figura 11: “Monumento das Araras”, do artista Cleir Ávila.

Foto: Cícero Farias Primo.

Desde o início de sua construção a Praça Cuiabá representou um marco para a história da cidade de Campo Grande, que posteriormente tornou-se capital do Estado, conferindo-lhe grande importância, privilegiando a circulação de pessoas, a prática de esporte, o lazer e visitação turística, oferecendo espaço agradável para contemplação, sendo considerado um cartão postal da cidade (Figura 12).



Figura 12 – Praça Cuiabá: ao fundo o coreto.
Foto: Cícero Farias Primo.

Atualmente, diferentes formas de intervenção do poder público vêm ocorrendo na cidade de Campo Grande, especialmente na área central, ligadas a operações urbanas que buscam a requalificação desse espaço urbano¹¹. Esse processo vem ocorrendo em diferentes áreas no centro e de suas proximidades, entre os quais podemos destacar a recente reforma da Praça Ary Coelho, a construção da Orla Ferroviária, da Orla Morena, Via Morena, a retirada dos trilhos da área central, a mudança da rodoviária como parte de ações coordenadas do poder público visando essa “revitalização”. O início desse processo ocorre especialmente a partir dos anos 1996¹², com o objetivo expresso na Lei Complementar nº 161, de 20/07/2010, a qual faz parte o plano chamado de revitalização do Centro que visa a “valorização e proteção do patrimônio histórico, ambiental, arquitetônico e paisagístico”, contido no programa Viva Campo Grande¹³”. Conforme consta nesse programa, estão sendo desenvolvidos os componentes: revitalização do Centro e Mobilidade Urbana e intervenções

¹¹ Conforme a Lei nº 161, de 20 de julho de 2010, que institui o plano de revitalização do centro de Campo Grande e dá outras providências.

¹² Ano em que ocorre o tombamento pela Prefeitura Municipal, objetivando resguardar o patrimônio histórico remanescente da antiga ferrovia, após as privatizações (MARQUES, 2014, p.15)

¹³ O projeto Viva Campo Grande faz parte das atividades planejadas pela UPPE – Unidade de Programas e Projetos Especiais, da SEGOV – Secretaria Municipal de Governo e Relações Institucionais (SEGOV), 2010.

nos trechos indicados na figura 12, com a intencionalidade de transformar estes espaços em centros de circulação de pessoas, aumentando assim a circulação financeira, aproveitando a potencial histórico e cultural que essa parte da cidade apresenta.

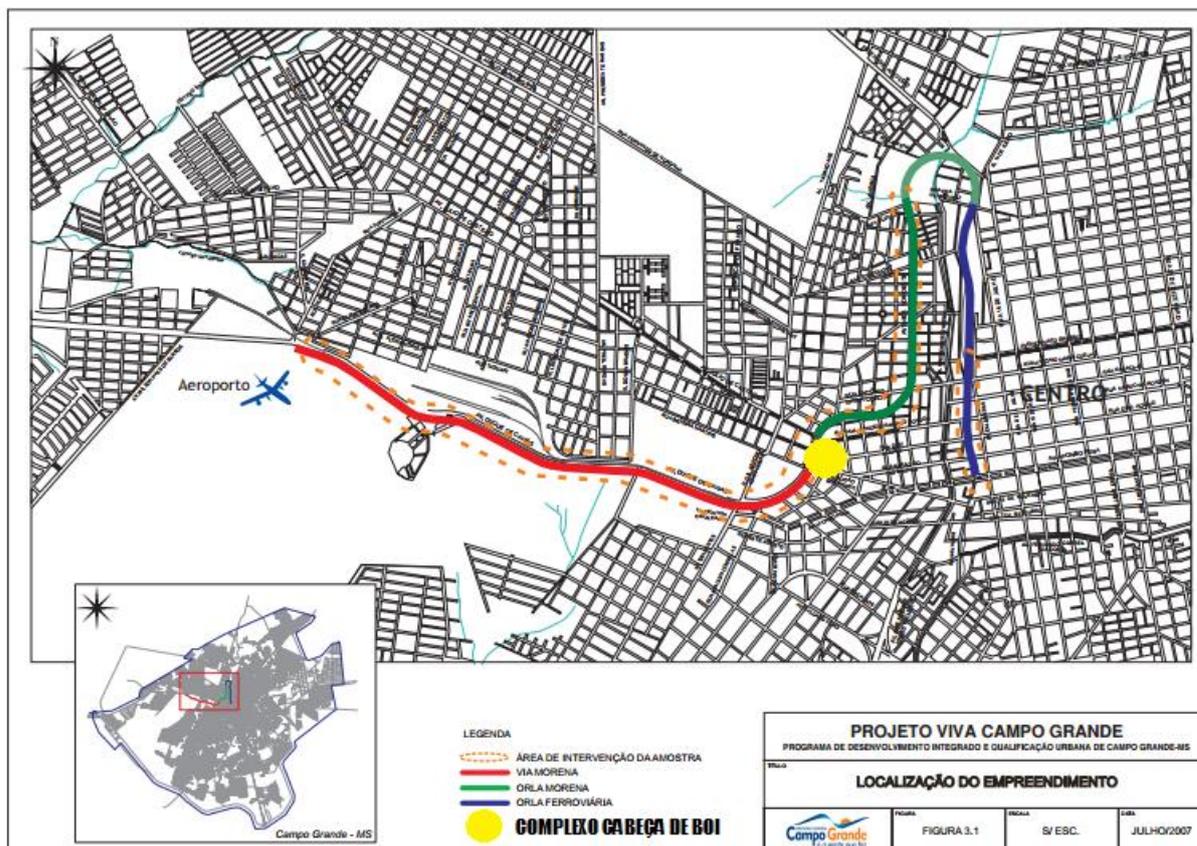


Figura 13: Mapa Orla Ferroviária, Orla Morena e Via Morena

Disponível em: http://www.capital.ms.gov.br/transparencia/canaisTexto?id_can=3707&pg=2, Acesso em: 08/11/2015

Org.: Cícero Farias Primo.

Ainda de acordo com a Figura 13, percebe-se que no Programa de Revitalização do Centro e Mobilidade Urbana estão contidos os três projetos:

- 1) Orla Ferroviária – Componente Revitalização do Centro – revitalização das margens da antiga Ferrovia, entre as avenidas Afonso Pena e Mato Grosso.
- 2) Orla Morena – Componente Mobilidade Urbana – revitalização da faixa de domínio e reestruturação do sistema viário na av. Noroeste no trecho entre a rua Plutão e a avenida Júlio de Castilho.
- 3) Via Morena – Componente Mobilidade Urbana – Adequação da Avenida Duque de Caxias, entre o acesso ao Aeroporto e a av. Júlio de Castilhos (*sic*), com a incorporação da faixa de domínio da rede ferroviária (lateral a essa via). LC 74/2005¹⁴.

¹⁴ Disponível em <<http://www.capital.ms.gov.br/planurb/downloads?pg=5>>. Acesso em: 09/11/2015.

O “Complexo Cabeça de Boi” está localizado na Via Morena e teve sua paisagem alterada para atender as ações de revitalização do local, confluência (rotatória) da Avenidas Júlio de Castilho e Rua Duque de Caxias, esta última se constituindo como a principal entrada para quem chega de avião à Campo Grande.

Vários autores discutem que tais processos, por um lado, ao promoverem uma renovação e requalificação das áreas em que se implantam tais políticas, terminam, por outro lado, afetando as populações que habitam tais entornos, tendo em vista que geralmente ocorre a valorização desses espaços, provocando o aumento no preço dos imóveis e dos aluguéis, levando, muitas vezes, a uma substituição dos moradores antigos e atraindo novos residentes, com perfil de renda mais elevado.

Assim, consideramos que tais intervenções ainda se encontram “em curso”, não se manifestando de forma plena na área da pesquisa. Ou seja, apesar da “renovação” dessa área, a ocupação no entorno da praça continua sendo, em geral, de residências populares, de residências militares e também de pequenos comércios. Assim, identificamos que as rugosidades (Santos, 1988) presentes nesse espaço construído, ou seja, a herança espacial do lugar, ainda permanece, compondo o que o mesmo autor denominou de “inércia dinâmica” (SANTOS, 1997, p.36), dificultando a substituição dos antigos residentes, com o estabelecimento de novas funções e usos para esse espaço.

Santos (1997), discutindo a importância da técnica para se pensar o processo de produção do espaço geográfico, faz uma consideração relevante sobre essa questão:

[...] A forma como se combinam sistemas técnicos de diferentes idades vai ter uma consequência sobre as formas de vida possíveis naquela área. Do ponto de vista específico da técnica dominante, a questão é outra; é a de verificar como os resíduos do passado são um obstáculo à difusão do novo ou juntos encontram a maneira de permitir ações simultâneas (p. 35).

De acordo com as visitas que realizamos em vários horários e dias diferentes na praça, foi possível verificar que: “A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida, para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social” (SANTOS, 1997, p 38).

Entretanto, foi possível perceber em nossas incursões ao objeto de pesquisa enfocado, que as alterações feitas na área têm proporcionado novas dinâmicas no local, modificando os

usos sociais que ocorrem, atraindo novos frequentadores que estabelecem uma nova territorialidade.

Assim, foi possível perceber que a praça teve, ao longo do tempo, e apresenta, no presente, diversas territorialidades ao longo do dia. Verificamos a presença de várias pessoas no local, em diferentes horários e com distintos objetivos. No período diurno e vespertino temos as crianças e adolescentes interagindo, especialmente a partir da prática esportiva, jogando futebol de salão na quadra de esporte. Já na parte da noite, até por volta das 20h:30min., a prática do futsal é feita por adultos, após esse horário o local é frequentado por praticantes de voleibol.

O Complexo Cabeça de Boi é também um dos lugares que compõem o itinerário do City Tour¹⁵ na cidade, sendo que (quase) diariamente esse passeio inclui a visita a essa parte de Campo Grande.

Verificamos, também, que a Praça é utilizada para a prática de serviços filantrópicos¹⁶, sendo que toda segunda-feira ocorre a realização de um culto religioso (Figura 14) seguido por ceia comunitária, que atende desde os moradores de rua até os *skatistas*.



Figura 14: Culto promovido na Praça Cuiabá.

Foto: Cícero Farias Primo.

¹⁵ Ônibus especial de turismo que passa por 42 pontos turísticos em Campo Grande, MS, com horário de funcionamento de terça-feira a domingo, tendo como ponto de partida a Morada dos Baís.

¹⁶ A exemplo da ação realizada pelo Pastor Uberlan Coronel de Oliveira, juntamente com os fiéis da Igreja Batista Centenário do Povo, localizada na Rua Perseverança, nº 21, no Bairro Amambaí.

O local também é considerado um ponto turístico na cidade, tendo em vista a presença de muitas araras que são fotografadas durante o dia pelos visitantes (por moradores locais e turistas), além de ponto de atendimento de serviços públicos, pois no prédio construído para as instalações do Mercado Municipal Antônio Moreira Alves, em 1964, funciona hoje o Instituto Municipal de Tecnologia da Informação (IMTI), da Prefeitura Municipal, entidade funcional, vinculada à Secretaria Municipal de Planejamento e Finanças e Controle, com entrada pela Rua Dr. João Rosa Pires 1001¹⁷ (figura 15).

[...] as políticas públicas recriam constantemente os lugares, produzindo a implosão da cidade, seja pela imposição de novas centralidades (isto porque a centralidade se desloca no espaço da metrópole em função de novas formas de uso/consumo do espaço), seja pela expulsão da mancha urbana de parte da população para a periferia como consequência de um processo de valorização dos lugares pela concentração de investimentos (CARLOS, 2007, p. 14).

Verificamos, assim, diferentes práticas e tempos de sociabilidade ao longo do dia o que tem proporcionado novas dinâmicas para esse espaço público.

Considerações finais

As praças públicas são extremamente importantes no espaço urbano, porque permitem o convívio, a recreação, o lazer e as práticas esportivas. Os programas de revitalização devem ser constantes para que esses espaços de lazer não se tornem somente “espaços de passagem” no interior da malha urbana, mas que venham, efetivamente, a ser ocupados pelos habitantes.

Porém, é preciso também considerar e respeitar as características locais, culturais, sociais, ambientais e econômicas do local, levando em consideração a necessidade de permanência dos moradores, no sentido de que não sejam expulsos pelos processos de revitalização. Na pesquisa identificamos que a Praça Cuiabá foi um marco importante e expressivo para o Bairro Amambaí, mas que especialmente a partir da década de 1990, com as obras de revitalização que foram implementadas, passou a ter expressão para a cidade como um todo.

Ao longo de sua história, esta área, atualmente conhecida como “Complexo Cabeça de Boi”, expressou distintas territorialidades, bem como, na atualidade, percebemos também

¹⁷ Disponível em: <<http://www.capital.ms.gov.br/sic/imti-competencias>>. Acesso em: 09/11/2015.

diferenciadas formas de apropriação desse espaço público, com diferentes formas de uso estabelecidas por distintos frequentadores ao longo do dia.

Referências bibliográficas

ARCA: Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande. **Campo Grande, Imagens da História – Edição Especial**. Campo Grande - MS, 2011.

ARRUDA, Â. M. V. de. História e formação urbana de Campo Grande -1899-1939. UNIDERP. 1999. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/viewFile/740/715>>. 15/10/2015.

ARRUDA, Â. M. V. de. História e formação urbana do bairro Amambaí. **Revista Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, vol. 5, núm. 3, dezembro, 2001, p. 11-30. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/260/26050302.pdf>>. 15/10/2015.

BARROS, V. M. **Atlas Campo Grande: geográfico e histórico**. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2010.

BERNARDELLI, M. L. F. H. da. A (re)produção do espaço urbano e a atuação do poder público em Campo Grande – MS (1990-2010): diferenças e desigualdades socioespaciais. (**Projeto de Pesquisa**), 2013.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 9 ed. São Paulo: Contexto. 2011. Repensando a Geografia.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf>. 13/08/2015.

CORREIO DO ESTADO - JORNAL. Edição nº 347, de 25 de abril de 1955.

MARQUES, H. G. **Memória e transformação urbana: uma análise do patrimônio ferroviário em Campo Grande – MS**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). São Paulo: FFLCH, USP, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. **100 anos de construção**. Campo Grande, MS: Matriz, 1999.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, E. A. **Espaços públicos e territorialidades**: as praças do Ferreira, José de Alencar e o Passeio Público, Fortaleza – CE. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7790/1/2006_dis_easilva.pdf.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro et al. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

WEINGARTNER, G. **A construção de um sistema**: os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande – MS. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAU/USP, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-14012010-150527/pt-br.php>. 14/09/2015.

Sites pesquisados

Campo Grande - www.campograndems.net

Campo Grande News - www.campograndenews.com.br

Capital Campo Grande - www.capital.ms.gov.br

Geoeduc - www.geoeduc.com

IBGE - www.ibge.gov.br

Free Dictionary - www.pt.thefreedictionary.com/complexo

Repositório UFC - www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc

*Recebido em 08 de outubro de 2016.
Aceito em 8 de novembro de 2016.*